

RELATÓRIO DE MISSÃO INTERNACIONAL

Período: 25 a 29 de junho de 2012

Participantes: Luiz Eduardo Barretto, Diretor-Presidente e Vinicius Lages, Gerente da Unidade de Assessoria Internacional

Local: Espanha

Objetivos: participação, com palestra, no XI Encontro Santander – América Latina, na cidade de Santander, e reuniões técnicas com representantes da Direção Geral de Indústria e da Pequena e Média Empresa, do Ministério da Indústria, Energia e Turismo, e com a Câmara de Comércio Brasil-Espanha, em Madri.

Relato:

XI Encontro Santander-América Latina

O XI Encontro Santander-América Latina, realizado na cidade de Santander, inscreve-se numa série de eventos organizados pelo Grupo Santander, para reflexão sobre conjuntura econômica da região. O Banco Santander tem na região 19% de seus ativos e 52% de seus lucros e, por esta razão, mantém um permanente monitoramento da dinâmica socioeconômica, política e institucional da região. Esses encontros anuais ocorrem na Universidade Internacional Menéndez Pelayo (UIMP) na cidade de Santander.

O encontro contou com presença de destacadas lideranças institucionais e empresariais, empresários e dirigentes e quadros técnicos do próprio banco. O tema central deste XI Encontro foi *O papel da América Latina no novo cenário econômico mundial*. O Banco Santander tem sua história ligada à região, pois surgiu, há 150 anos, para fomentar o comércio com a América Latina.

Após abertura oficial pelo Reitor da UIMP e pela Vice-Presidente do Governo da Espanha, Senhora Soraya Sáenz de Santamaría, deu-se início a um conjunto de três mesas redondas, tendo a apresentação sobre as ações do Sebrae em apoio às micro e pequenas empresas brasileiras, feito parte da primeira mesa.

O conjunto das discussões levou em consideração a conjuntura de crise vivida pela Europa, em especial a Espanha, que tem paralelo na crise vivida pela economia americana, desde 2008-2009, com reflexos sobre as demais economias.

A ampliada interdependência entre as economias não isenta nenhuma delas dos efeitos da crise atual. A desaceleração já vivenciada pelas economias dos países que concentram as maiores taxas de crescimento na América Latina (a exemplo do Brasil neste primeiro semestre de 2012), já é reflexo desta crise que tem consequências globais. No entanto, reconhece-se que a América Latina, em particular, e parte da Ásia, estão mais bem preparados no momento atual para enfrentar seus efeitos.

A reconhecida fragilidade de regulação e supervisão de grande parte do sistema financeiro europeu (com exceção da Alemanha) e norte-americano, notadamente em sua excessiva

alavancagem, resultou em falta de liquidez e inadimplência, que implicaram na necessidade de resgate dos bancos, como nos casos espanhol e grego. Este socorro aos bancos espanhóis foi finalmente acordado pela União Europeia na última reunião de 29 de julho, aportando 100 bilhões de euros.

Reconhece-se que o bloco econômico europeu vive um de seus testes mais difíceis, aprofundado pelas crises nas economias da Grécia, Irlanda, Itália, Portugal e Espanha. Acrescenta-se ainda outras economias como a da França, que também sofre dificuldades de grande monta, requerendo reformas.

A crise no sistema financeiro e seus reflexos sobre a dívida pública limitam as margens de manobra dos governos, em especial pela dificuldade de se financiar em função dos altos juros de eventuais empréstimos face à percepção ampliada dos riscos de suas economias. Ficou patente que a união monetária sem a contrapartida de união fiscal, ou de um sistema financeiro regional (união bancária), com mais poderes de supervisão e regulação, deixa vulnerável mesmo as economias mais ajustadas, como no caso alemão, que tem fôlego limitado para apoiar os demais países, diante das dimensões da atual crise. Enfim, políticas fiscais e financeiras mais integradas, por além de uma moeda única, é percebido como um consenso atual, ainda que haja resistências de algumas partes. Este é um ponto que tangencia a questão da chamada soberania de cada país em termos macroeconômicos.



Como síntese geral do encontro pode-se destacar que há um reconhecimento de que a crise atual por que passa a Europa, com efeitos sobre outras economias, reforça ainda mais a necessidade de fortalecer os vínculos entre esta região e a América Latina, que tem sido fonte de crescimento econômico na última década, decorrente de reformas políticas, institucionais, econômicas e sociais.

A América Latina, que cresceu a uma média de 5,6% nos últimos anos, foi responsável por aproximadamente 14% do crescimento mundial neste período, conforme recente relato de um informe macroeconômico da América Latina e Caribe de 2012, do BID¹. Constatou-se ainda um reequilíbrio dos protagonismos e hegemonias, num mundo de múltiplos atores, onde a região aparece fortalecida.

As empresas espanholas são um dos principais investidores na região, em especial em setores estratégicos como infraestrutura, comunicações, energia, turismo, além de serviços financeiros.

A perspectiva para a região, segundo analistas presentes ao encontro, é de que seguirá com trajetória positiva de crescimento e mudanças estruturais. Entre as razões apontadas estão:

- A incorporação em sua pirâmide demográfica, de 70 milhões de jovens ao mercado de trabalho na última década, esperando-se outros 70 milhões nos próximos 10 anos. Esse bônus demográfico não encontra similitude no continente europeu, que sofre as consequências do envelhecimento populacional. O Brasil insere-se neste bônus demográfico, pelo menos até 2025. Esse bônus tem implicações sobre a ampliação do capital humano e oferta de mão de obra, no aumento da poupança interna, e no aumento da demanda interna (mercado de consumo), além de contribuir para o equilíbrio financeiro do sistema de pensões (previdência).
- A incorporação na classe média de cerca de 100 milhões de pessoas na última década, ao mesmo tempo em que se reduziu em 56 milhões o número de pessoas que viviam abaixo da linha de pobreza. Em 2000, 180 milhões de pessoas viviam abaixo da linha de pobreza nas sete principais economias da região, tendo sido reduzido para 124 milhões em 2010.
- Fim das aventuras militaristas com avanços democráticos e dos direitos humanos;
- As aprendizagens na gestão de crises.
- Melhor relação entre Estado e mercado, após décadas de oscilações entre matizes políticas a favor do 'estado mínimo' ou do 'estado máximo'.
- As reformas macroeconômicas, a sanidade do sistema financeiro, que é supervisionado com os melhores padrões internacionais (encontram-se capitalizados, sem riscos elevados de liquidez e com nível ajustado de alavancagem).
- As taxas de formalização de empresas e de 'bancarização' na região cresceram significativamente na última década, fruto de políticas públicas. Outro ponto importante é a redução das taxas de juros, com destaque para o Brasil e Chile.
- Os elevados níveis de reserva em moeda estrangeira. As reservas em moeda estrangeira na região, em 2012, atingiram 700 bilhões de dólares, quase o dobro do constatado em 2007. Destacam-se o Brasil, Chile e Peru, que mais que duplicaram seu estoque de reservas neste período, com taxas de crescimento anualizadas entre 15% a 22%.
- A diversificação de mercados para as exportações. As exportações latinoamericanas para os países desenvolvidos baixaram de 75% no ano de 2000, para 61% em 2011.

¹ Powell, Andrew (Coord). *El Mundo de los Senderos que se Bifurcan. America Latina y el Caribe ante los riegos económicos globales*. BID, Washington, 2012.

Este desvio de exportação se destinou a países emergentes, com a Ásia aumentando seu peso relativo (de 2% para 13%), tendo a China como principal mercado.

- O controle inflacionário, a redução da dívida externa e do déficit público. A valorização da estabilidade econômica é hoje um ativo político transversal.
- Outra prova da dinâmica financeira positiva na região é que Brasil, Chile, México, Peru e Uruguai, que concentram 85% do PIB regional, já alcançaram o grau de investimento (*investment grade*).

Em contraponto a esse cenário favorável, a região pode não aproveitar a atual conjuntura favorável e ser afetada pela crise no centro das economias européias e dos EUA. A pior consequência pode advir da contaminação generalizada dos mercados financeiros. Há também riscos de variações negativas nos preços das commodities, prejudicando a balança comercial e afetando a política cambial. Outro risco é o recrudescimento do protecionismo.

A região também carece de ampliar o peso do comércio intra-regional, que se manteve estável na última década em torno de 20%, aproveitando as complementaridades e o dinamismo econômico regional. São parte da agenda de ajustes a redução da desigualdade, da economia informal, a melhor eficiência das instituições públicas, a melhoria da produtividade das micro e pequenas empresas, entre outras reformas fundamentais

Apesar deste cenário mais favorável à região, com perspectivas de crescimento continuado, a recessão nos países europeus e nos EUA já começa a impactar a região, como se pode constatar nos sinais de desaceleração na América Latina. Ainda assim as previsões são de um crescimento médio na região a taxas entre 3,2% a 3,6% ao ano para 2012.

Vale destacar, entre os desafios futuros, que grande parte do PIB da região (60%) está em 65 cidades. Isso requer uma agenda especial de atenção ao desenvolvimento urbano como fator chave da sustentabilidade e da competitividade dessas economias. Qualidade de vida, infraestrutura, logística, inclusão e redução das desigualdades, cidades inteligentes, economia de serviços, economia criativa, melhor articulação entre as economias regionais, fazem parte de uma agenda de desenvolvimento para melhorar a qualidade do crescimento da região.

É certo que as micro e pequenas empresas representam quase a totalidade do número de negócios da região, mas cerca de 40% do crescimento da economia regional vem de um pequeno conjunto de grandes empresas. Isso implica em repensar as articulações pequenas e grandes empresas, as cadeias de valor, suas articulações regionais, e a melhoria da produtividade dessa base da pirâmide empresarial como forma de ampliar a competitividade sistêmica da região.

Quanto mais dependente de *commodities* for o crescimento da região, quanto mais dependente de financiamento externo, quanto maior concentração das taxas de crescimento em alguns territórios e setores, mais graves serão os efeitos de contágio de futuros choques da crise européia. O “vento de popa” que tínhamos até então parece ter mudado, como alertou em sua intervenção Juan José Ruiz, economista chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Temos, portanto, que começar a remar e ser cada vez mais prudentes nas medidas anticíclicas, no fortalecimento institucional, no avanço das reformas empreendidas até aqui, e na criação de fundos que lastreiem nossas economias.

Madri

Direção Geral de Indústria e da Pequena e Média Empresa, do Ministério da Indústria, Energia e Turismo

Estiveram presentes à reunião o Sr Manuel Valle Muñoz, Diretor Geral de Indústria e da Pequena e Média Empresa, o Sr. Antonio Fernandez Ecker, Subdiretor Geral de Indústria e da Pequena e Média Empresa e a Sra Fatima Mínguez Ilrente Subdiretora Geral de Ambiente Institucional e Programas de Inovação para Pequenas e Médias Empresas. O Conselheiro Cláudio Garon, da Embaixada do Brasil em Madri, responsável pelo agendamento da reunião, acompanhou a reunião.



Na ocasião foi apresentado o modelo institucional do Sebrae, seus instrumentos de apoio e as recentes mudanças no ambiente de negócios no Brasil, em favor das micro e pequenas empresas. Foram apresentadas as ações de apoio desenvolvidas pelo Ministério, em especial as contidas no *Guía de incentivos y ayudas estatales*, parte das políticas de apoio empresarial do governo espanhol (ver conjunto das ações de apoio às pequenas e médias empresas no portal www.ipyme.org).

Em termos gerais as ações desenvolvidas se assemelham à maioria das instituições congêneres de apoio aos pequenos negócios, notadamente políticas, programas e iniciativas voltadas a facilitação de abertura e fechamento de negócios, ao financiamento (e as garantias), capacitações, acesso a mercado externo, promoção da inovação, melhoria da produtividade, entre outros. As ações diretas sobre as pequenas e médias empresas são desenvolvidas pelas regiões, que mantêm instituições dedicadas a essas distintas áreas. O Ministério também mantém relação com a União Européia na mediação de fundos regionais de desenvolvimento, ou chamados fundos estruturais, em apoio ao desenvolvimento local, que beneficia pequenas e médias empresas.

Câmara de Comércio Brasil-Espanha

A reunião com empresários e líderes empresariais da Câmara de Comércio Brasil-Espanha, Presidida pelo Diretor Executivo, Sr. Antonio del Corro Garcia-Lomas, decorreu de demanda da Embaixada brasileira em Madri, em especial atendendo solicitação do Senhor Embaixador Paulo de Oliveira Campos. A reunião contou com a presença de cerca de 30 empresários espanhóis interessados em realizar negócios com o Brasil, muito dos quais já presentes no mercado brasileiro, em especial no setor de serviços.



Tanto o comércio bilateral entre os dois países, que atinge cerca de oito bilhões de dólares anuais, quanto à crise atual e os limites de seu próprio mercado interno, e o volume de investimentos de grandes empresas espanholas no Brasil, tem despertado o interesse de médias e mesmo pequenas empresas espanholas em se instarem no Brasil ou estabelecerem alianças comerciais com empresas brasileiras.

Na ocasião foi apresentado o modelo institucional do Sebrae e o perfil de clientes apoiados, deixando claro que o papel de facilitação mais direta nas ações de internacionalização de micro e pequenas empresas conta com o protagonismo e liderança da APEX-Brasil. Apesar desse esclarecimento, muitos empresários presentes manifestaram interesse em aproximarem-se de clientes apoiados pelo Sebrae, em seus respectivos setores, como forma adicional de prospecção de negócios no Brasil.

Brasília, 3/7/2012

Vinicius Lages

